

Por que todo esse papo fiado?

Bem, ninguém dirá que se trata de uma personalidade monótona e perfeita previsível. No futuro certamente teremos saudades das emoções e surpresas que nos têm sido oferecidas pela gestão do ministro Dílson Funaro.

Mas, pelo amor de Deus, que diabos foi ele fazer nessa missão peripatética internacional?

É mais do que evidente, à esta altura, que não foi nem explicar por que o Brasil suspendeu os pagamentos de juros, nem expor um programa econômico que justificasse e sustentasse tal decisão. Também seria difícil crer que tenha ido conversar fiado — embora, literalmente, se trate exatamente disso, uma vez que deu o "pindura" antes do papo.

Pelo que pudemos depreender daquela algaravia que o ministro distribui aos jornalistas que o acompanham, ao final de cada visita, ou em encontros de aeroportos, ele está em mais uma "missão" catequética. Está, agora, construindo não apenas o Brasil do século XXI, mas o mundo das finanças internacionais que deverá prevalecer no século XXI.

O caso é mais ou menos o seguinte, caro leitor. Vamos imaginar que você faça um monte de compras a prestação no Mappin, na Sears, na Mesbla, na Casa José Silva e depois não tenha dinheiro para pagar. Se você é um zé-ninguém estará estrepado. Mas, se você é uma figura importantíssima na vida pública nacional, pode tentar o seguinte: reunir os donos das lojas e explicar a eles que não está pagando não é por falta de dinheiro e sim porque os planos e planilhas de pagamento que eles inventaram são uma porcaria e todo o sistema de crédito ao consumidor nacional precisa ser modificado, inclusive as leis do governo que regem o assunto. Então, você os convida a fazerem esforços para mudar tudo, para inventarem coisas mais racionais e, quando tiverem algo a oferecer a você, que voltem a procurá-lo.

O comitê de bancos credores do Brasil, que funciona em Nova York, deve estar perplexo. Esperava que finalmente o ministro brasileiro aparecesse para papear, para dar alguma explicação, para acender uma luz no fim do túnel. Talvez seus membros até apreciassem conhecer pessoalmente esse famoso ministro brasileiro que nunca deu as caras. Mas ele "esnobou" o comitê. Tudo bem. É uma tática. Sem dúvida, surpreendente. Deixou o comitê falando sozinho e foi direto aos ministros das finanças dos governos dos países onde os bancos credores têm sede.

Por qual motivo?

Porque o ministro há muito tempo está convencido de que a questão toda da dívida é política (sem dúvida é). Mas, também está convencido de que os bancos particulares acabarão fazendo o que seus governos mandarem — como acontece no Brasil —, e neste ponto talvez esteja equivocado.

O problema, porém, é que tudo indica que até agora pelo menos o ministro também ficou falando sozinho. Os seus interlocutores oficiais, os "donos das lojas", ouviram polidamente seus argumentos, prova velmente acharam até que ele tem certa razão, que o sistema financeiro internacional de fato precisa de algumas mudanças, mas também devem ter guardado para si próprios duas observações relevantes: uma, que o ministro brasileiro certamente não bate bem da bola; outra, que o motivo da iniciativa do governo brasileiro não está nos defeitos do sistema financeiro internacional, mas sim nos defeitos do próprio governo brasileiro e, mais ainda, em razões de política interna. Ou seja, o governo brasileiro está usando este assunto para safar-se do sufoco do desprestígio interno e do cerco político daqueles que o consideram ilegítimo.

Portanto, o que os governos contatados por Funaro estarão avaliando nos próximos dias não é se o papo dele faz sentido ou não, mas sim se mais vale injetar vitamina no governo Sarney ou deixar que ele se vire sozinho com a situação que criou. Essa decisão vai depender, por sua vez, dos relatórios recebidos de embaixadas e de empresas que operam no Brasil. Se o balanço conclusivo geral for no sentido do primeiro editorial do Financial Times — de que Sarney optou pelo populismo —, a decisão será certamente no sentido de deixá-lo velejar sozinho. Se chegarem à conclusão de que ruim com ele, pior sem ele, darão algum apoio curto, para que o governo brasileiro atravesse 1987. Provavelmente essa é a hipótese mais realista. De qualquer forma, a questão vai alongar-se. Bravata por bravata, eles vão testar até onde vai o fôlego do governo brasileiro.

O leitor atento deve estar-se perguntando por que, afinal, se o nosso ministro tem queixas do sistema financeiro internacional, não apresenta ele próprio uma espécie de "Plano Funaro", que se contraponha, por exemplo, ao famoso "Plano Baker". Não apresenta, porque não pode. Para apresentar aos credores uma proposta de solução do problema da dívida, da sua lava, ele precisa ter um programa econômico interno — conhecido, coerente e convincente, seja qual for. E não pode ter. No ano passado, não teve, porque qualquer definição de programa econômico interno comprometia e atrapalhava o jogo político-eleitoral. Neste ano, porque qualquer definição semelhante atrapalha o jogo governamental na Constituinte. Simplesmente, não vamos ter um programa definido de ação econômica governamental, porque isso amarra as mãos do governo — torna-o prisioneiro das suas próprias definições e suscita críticas. Qualquer programa econômico declarado e especificado é, por definição, impopular, no sentido de que gera focos de impopularidade entre todos aqueles que não são beneficiários diretos do programa. E os beneficiários diretos nunca são a maioria, em qualquer programa.

O método Sarney de governar consiste em governar conforme os ventos e as circunstâncias sugerem. Isso exige o máximo de liberdade de improvisação, o máximo de oportunidades para tirar coelhos da cartola. As necessidades de planejamento, programação, horizonte e rumo da economia em geral — e da vida das empresas, em particular — que se danem. É muito melhor e mais conveniente para o governo encarar o Brasil como um imenso play-ground e mudar de brinquedo quando lhe apeteça. As funções dos ministros, nesse jogo, principalmente os da Fazenda e do Trabalho, é velar para que as forças reais da produção não atrapalhem a diversão e o entretenimento político.

Neste sentido, a viagem de Funaro destinou-se a conversa fiada mesmo, cuja utilidade foi apenas evitar represálias imediatas contra o calote brasileiro, capazes de estragar o jogo das contas de cristal que se pratica na nossa Alphaville planaltina.